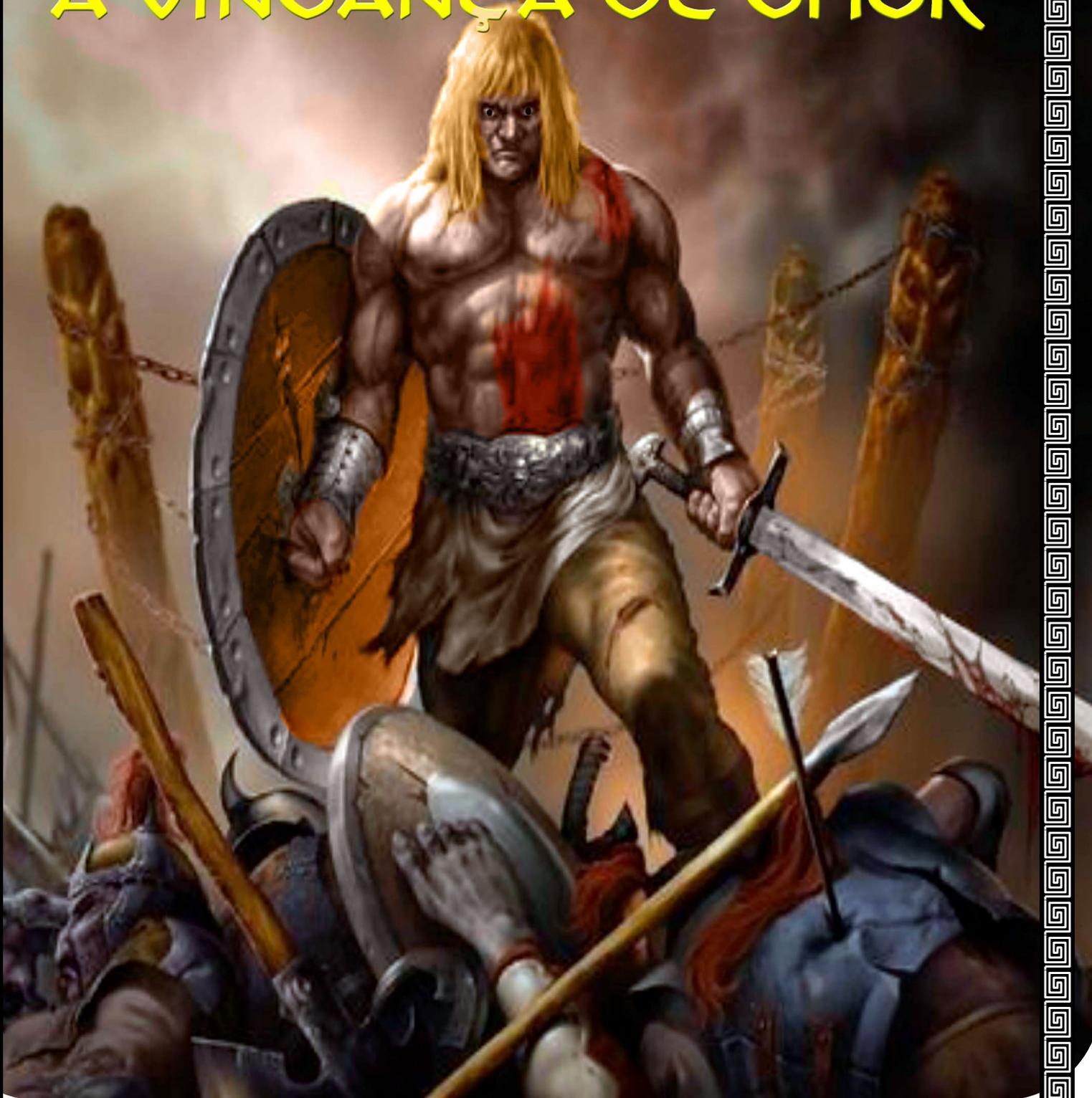


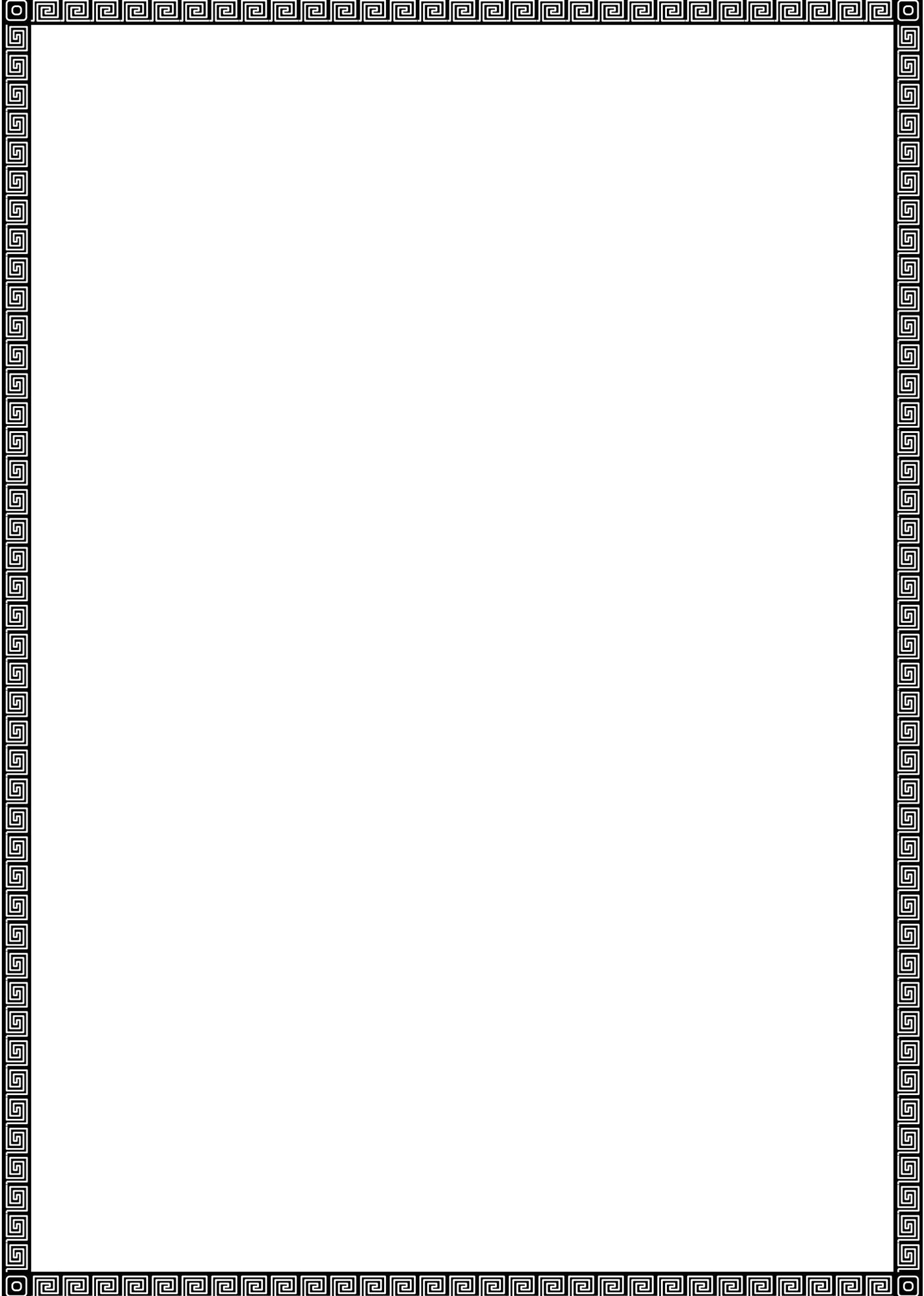
Joseph Payne Brennan

GHOR, O PARRICIDA

CAPÍTULO 3

A VINGANÇA DE GHOR



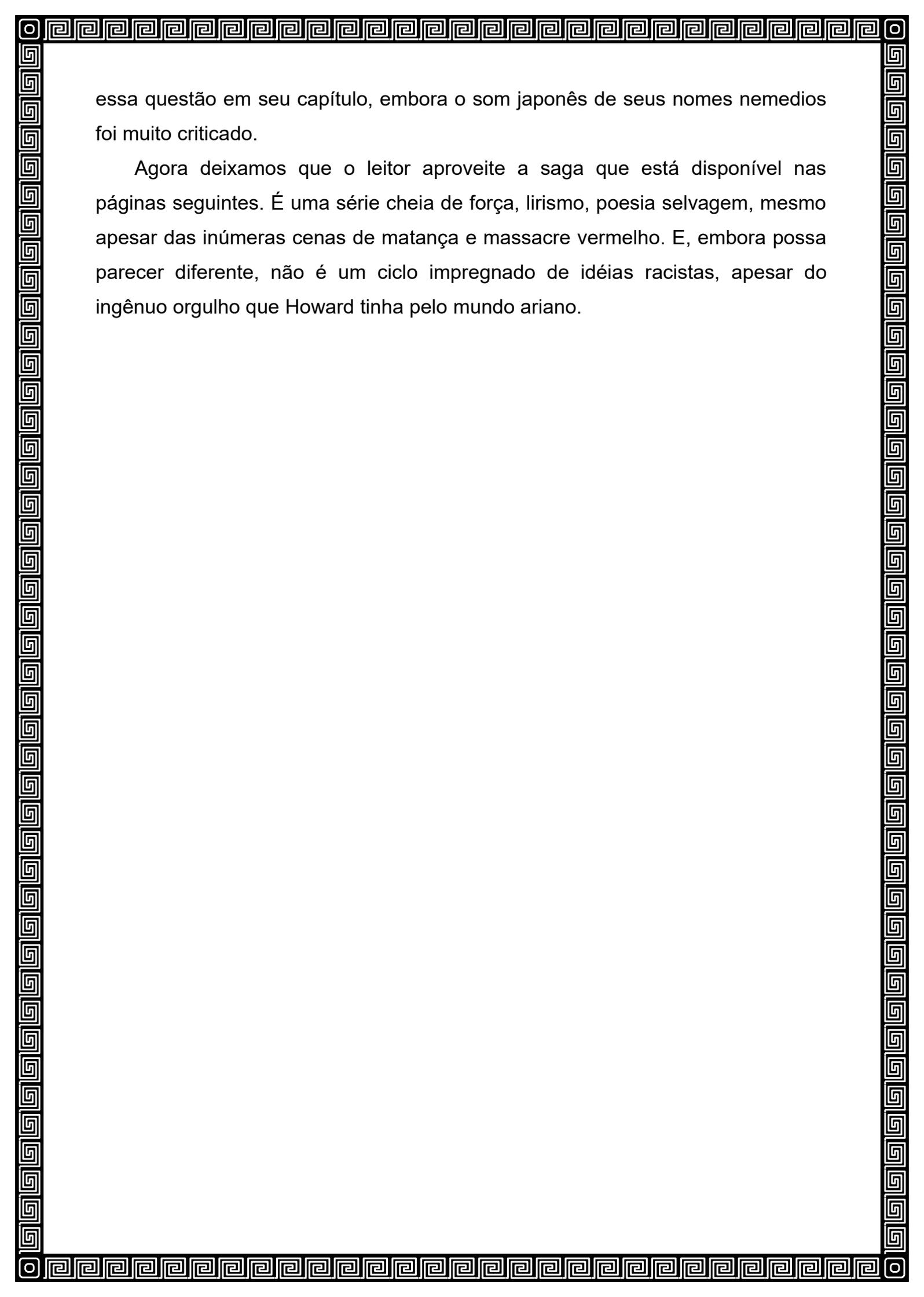


GHOR, O PARRICIDA

INTRODUÇÃO

A novela em série chamada Ghor, o parricida, tão interessante quanto irregular, que parte de um fragmento inacabado de Howard que começa com a frase "Há muito, muito tempo..." ("Long, long ago...") e que também foi chamado de "Filho de Genseric", pertence ao ciclo de James Allison. Ghor, o Parricida, foi concebido no final dos anos 70 por Jonathan Bacon, editor da Fantasy Crossroads, um fanzine muito popular durante o boom Howardiano da época. Bacon se apresentou com um fragmento inédito de Howard, «O Filho de Genseric», e propôs continuar com uma narrativa "seriada", escrita por diferentes autores. Assim, a Fantasy Crossroads, a partir de sua edição de março de 1977, começou a publicar a novela serializada, na proporção de dois ou três capítulos por edição. A intenção era, obviamente, publicar o todo, até sua conclusão no capítulo 17. Mas, depois do capítulo 12 (publicado na edição de janeiro de 1979 da Fantasy Crossroads), a revista faliu, e os cinco capítulos seguintes foram dados por perdidos por anos até serem recuperados em agosto de 1997 pela Necronomicon Press, em um livreto bastante pobre, com uma letra minúscula e uma capa preta e branca sobre papelão amarelo.

Morgan Holmes, da associação howardiana de imprensa REH, disse recentemente, referindo-se a essa obra que "os primeiros 7 capítulos são bons, mas a novela é irremediavelmente danificada a partir do capítulo de Darreil Schweitzer". Embora durante a primeira metade do livro, diferentes autores tentam manter uma certa coerência argumental, respeitando as raízes howardianas – exceto algum e outro detalhe estranho um pouco fora de lugar – quando o capítulo 9 se torna um importante ponto de virada, tanto em seu tratamento literário quanto em sua liberdade pelo trabalho anterior e o que supõe para o enredo. A partir daí, cada autor fazia o que quisesse, incluindo a narração da eterna batalha entre os deuses da Ordem e o Caos, que Moorcock popularizou durante os anos 60. Curiosamente, teve o bom gosto de não tocar



essa questão em seu capítulo, embora o som japonês de seus nomes nemedios foi muito criticado.

Agora deixamos que o leitor aproveite a saga que está disponível nas páginas seguintes. É uma série cheia de força, lirismo, poesia selvagem, mesmo apesar das inúmeras cenas de matança e massacre vermelho. E, embora possa parecer diferente, não é um ciclo impregnado de idéias racistas, apesar do ingênuo orgulho que Howard tinha pelo mundo ariano.

CAPÍTULO 3

A VINGANÇA DE GHOR

De Joseph Payne Brennan
Tradução e revisão: MARCELO SOUZA



A tribo Aesir com quem lutei teve um sucesso total naquele dia em batalha. Ao cair do dia, eles se amontoaram em volta das fogueiras e assaram suculentos pedaços de carne para comemorar, mas eu me retirei sozinho para dentro da minha tenda.

As últimas palavras de Bragi ecoaram em meus ouvidos: "Ouça seus nomes e trema!" E eu tremi, mas não de medo... mas de ira. A fúria tomou conta de mim como uma febre selvagem. Repeti repetidamente os nomes dos meus odiados irmãos: "Raki, o Veloz", "Sigismundo, o Urso", "Obri, o Bonito", "Alwin, o Silencioso". E havia Gudrun, por cuja vontade eu havia sido colocado na neve gelada para ficar à mercê das presas dos lobos. "Gudrun das tranças brilhantes"! Eu me fiz uma promessa. Chegaria o dia, não muito longe, em que aquelas tranças seriam emaranhada em uma confusão de sangue e pedaços de cérebro!

Mais de uma vez, naquela noite, a loucura homicida me atacou a tal ponto que eu agarrei a grande espada de Genseric e me preparei para sair da tenda. Quando espiei na escuridão, o gelo queimou meu rosto e o vento uivou igual a cem demônios. Seguidas vezes me virei, tremendo pela selvageria da minha sede de sangue. O desejo feroz de vingança era como um fogo queimando em meus ossos.

Mas o calor branco do ódio não havia embotado meu sentido comum. Havia trabalho a ser feito antes que pudesse me vingar. E eu tinha que descobrir em qual tribo dos vanires meus parentes moravam. E logo deveria descobrir em que lugar de Vanaheim seu acampamento base estava localizado.

Se eu fosse lá cego de raiva, sedento de sangue, poderia muito bem acabar com dezenas de clãs vanires... mas no final eles me matariam, antes que eu pudesse encontrar meus odiados irmãos e minha mãe.

Sentado sozinho na escuridão de minha tenda, decidi adotar as táticas dos grandes lobos cinzentos das estepes. Rondaria os postos dos vanires; espreitaria nas sombras, além do alcance da luz de suas fogueiras. Mais cedo ou mais tarde, descobriria o que desejava saber.

Pouco antes de um amanhecer gelado iluminar o acampamento aesir, me afastei sem ser visto. Havia guardas postados, mas não tive nenhum problema em enganá-los. Eu me arrastei de bruços pelos arbustos nevados, e nem um

único galho quebrado traiu minha presença.

Quando o sol, rodeado de névoa, se elevou acima das montanhas geladas, eu estava a muitos quilômetros do acampamento aesir. Depois de parar brevemente em um mato de grama na tundra que me mantinha protegido, comi um pouco de carne de veado seca, que carregava em uma bolsa improvisada.

Eu estava confiante de que os aesires não suspeitariam da minha ausência. A maioria acreditava que eu era meio louco. Quando precisasse da sua ajuda, se necessário, tinha certeza de que eles me receberiam. Em sua terrível guerra contra os vanires, a grande espada de Genseric não seria deixada de lado!

A partir daquela manhã e antes do cair da noite, vivi como um lobo. Se a fome se tornasse insuportável, eu dedicava um tempo para caçar. Podia perseguir um cervo até fazê-lo cair exausto. Não foi à toa que fui criado ao lado dos incansáveis espíritos dos terrenos ermos do norte!

Fui para o noroeste, pois achei que os principais acampamentos dos vanires deveriam estar lá. Em algumas ocasiões, vi grupos de guerreiros vanires fortemente armados, mas os evitei, embora minha mão tremesse de ira, segurando o punho da poderosa espada de Genseric. As matanças tribais deviam esperar. Antes, eu tinha que pagar uma dívida de sangue mais pessoal!

Em minha mente, continuava repetindo os nomes de minha mãe e irmãos. Raki, o Veloz; Sigismundo, o Urso; Obri, o Bonito; Alwin, o Silencioso... e Gudrun das Tranças Brilhantes.

Seus nomes se tornaram uma ladainha, que rondava minha cabeça enquanto eu dormia. Às vezes acordava sobressaltado segurando convulsivamente a espada de Genseric. Por um momento, tive certeza de que estavam ao meu lado, esperando minha vingança. Logo começava a dormir novamente, mas seus nomes, como uma espécie de canto insistente, continuavam ecoando na minha cabeça.

Dormi sob o abrigo de pedras, árvores quebradas e até no meio do implacável gelo, com a neve caindo pesada de um céu impassível. Uma túnica simples para os ombros, composta por pedaços de pelos de animais costurados, cobria meu peito e as costas. Uma pele de veado atada protegia meus pés. Eu não usava mais nada, exceto um cinto largo ao qual estava presa a bainha da

minha grande espada e uma faca com cabo de osso, além de um arco pequeno, mas poderoso, e algumas flechas. Às vezes eu acordava coberto pela neve, mas, como um lobo, a tirava de mim, sem lhe dar a menor importância.

Uma manhã, na terceira semana depois que deixei o acampamento aesir, vi uma língua de fumaça flutuando sobre um grupo de árvores a uma milha de distância.

Havia pouco lugar para se esconder, mas eu aproveitei. Rastejando pelo chão congelado, me arrastei para o bosque, tentando me esconder atrás de cada pequeno acidente no terreno.

evei quase meia hora para chegar ao bosque, mas ainda não era tarde demais. Um pequeno bando de vanires – matadouros, pertencentes a um bando muito maior, ou pelo que presumi – estavam raspando os ossos de algum animal recém-assado, enquanto se amontoavam em volta de um pequeno fogueira.

—Inferno — Um deles exclamou. Raki cortará nossas cabeças por isso!

Estremeci ao ouvir o nome, mas não ousei fazer barulho. Por instinto, minha mão acariciou o punho da sedenta espada de Genseric.

Outro vanir cuspiu um osso e deu de ombros e rosnou:

—Pois que tente. Nós fugimos. Que outra coisa podemos fazer? Não te preocupes. Raki e seus irmãos precisarão de todos os guerreiros que puderem convocar —. Então ele se inclinou sobre o fogo —. Com esse tal Ghor lutando ao seu lado, os aesires poderiam nos empurrar para as Terras Negras. É sempre noite lá, e não há nada para comer!

Espreitando a poucos metros de distância, me encolhi ao som do meu próprio nome. Soou estranho na boca daqueles vanires o meu nome.

Outros dos homens se levantaram, se gabando.

—Ghor é feito de sangue e ossos, como todos nós! Vamos empurrar os aesires de volta para Asgard ... e eles ficarão felizes em ficar onde estão!

Um pouco depois, todos se levantaram; derramaram neve na fogueira e partiram para o noroeste. Os segui como um lobo à espreita. Em uma ocasião, um deles se virou, desconfiado, mas quando seus olhos se voltaram na minha direção, eu já estava deitado na neve e ele não conseguiu me ver. Ele deu de ombros e seguiu seus companheiros.

Havia cinco homens, e eu não tinha dúvida de que poderia matar todos se os atacasse de repente. Mas eu tinha outros planos.

Eles me levariam a Raki... Raki, o Veloz; Sigismundo, o Urso; Obri, o Bonito; Alwin, o Silencioso ... e Gudrun das Tranças Brilhantes.

Os cinco vanires viajaram com calma. Era óbvio que eles não estavam entusiasmados em se juntar aos seus companheiros de guerra. Eu fiquei furioso e impaciente, mas não havia como fazê-los andar mais rápido. Acima de tudo, eles deveriam continuar a ignorar minha presença.

Levou quase três dias para eles chegarem ao acampamento base. Enquanto isso, segui seus passos implacáveis, selvagem e faminto. Agachei-me além da luz da fogueira e os observei comer, enquanto meu estômago roncava e meus olhos ardiam. Eles estavam desconfortáveis e desconfiados, como se suspeitassem que alguém os estivesse seguindo, mas nenhum deles jamais me descobriu. Eu estava me arrastando pelos campos congelados e pelos arbustos cobertos de neve como um lobo... ou a sombra de um lobo. Às vezes, em certas ocasiões via, ao meu alcance, algum caça pequena, mas a ignorava, apesar da minha fome voraz. Sabia que não podia perder tempo caçando presas e devorando-as. Eu tinha apenas um propósito, e nenhum tipo de distração poderia me parar.

Finalmente os vanires chegaram aos arredores do acampamento principal. Depois de algumas checagens, as sentinelas os deixaram passar e desapareceram da minha vista.

Por uma hora ou mais, espiei de um arvoredos. Finalmente, decidi rodear o acampamento, não foi uma tarefa fácil. A guarda havia dobrado; eles estavam

tensos e alertas. Mas meus longos anos com a alcateia valeram a pena. Eu circulei todo o perímetro e nenhuma sentinela me detectou.

Aquela era uma grande reunião de clãs, geralmente inimigos, mas agora unidos pela guerra. Pareciam estar constantemente empenhados em afiar espadas, montar flechas e reparar e reforçar escudos pesados. Repetidamente, tive a chance de cortar o pescoço de um vanir isolado, mas resisti ao desejo, mesmo que meus dedos agarrassem o punho da minha faca. Matar uma sentinela teria deixado todo o acampamento em guarda, e essa era a última coisa que queria.

No início da manhã do segundo dia, encontrei o que estava procurando; uma grande tenda de couro, ligeiramente afastada das outras, e bem guardada por dois enormes vanires. Eles mantinham uma patrulha constante, as mãos nos punhos das espadas e os olhos atentos. Ocasionalmente, alguns vanires isolados, provavelmente chefes menores, iam até a tenda e só eram admitidos após um exame minucioso pelos guardas. Um desses visitantes só pôde entrar quando depositou sua espada, faca e flechas do lado de fora da tenda. Ele insultou os guardas, mas cedeu.

A estratégia de guerra estava sendo planejada dentro daquela tenda, e isso só poderia significar uma coisa: meus irmãos odiados estavam lá. Meu coração batia forte nas minhas costelas, mas eu fiz o meu melhor para contê-lo.

Logo atrás da grande tenda havia outra, menor. Não tinha certeza, mas teria jurado que era a tenda de Gudrun das Tranças Brilhantes.

A manhã tinha avançado quando um dos irmãos saiu da tenda. Não havia dúvida de que era Raki, o Veloz. Dizia-se que ele tinha uma semelhança com Genseric, cuja habilidade era lendária. Raki era um homem grande, com mais de um metro e oitenta de altura, musculoso, mas magro, com brilhantes olhos azuis e longos cabelos loiros. Ele carregava uma espada maior que o normal, e notei que seu escudo não era feito de osso e pele de animal, mas de metal temperado... algo raro naquelas terras.

Comecei a suar e agarrei a fabulosa espada de Genseric. Aquele gigante não me provocava medo. Provocava apenas um ódio tão intenso que parecia me queimar em uma fogueira.

Foi preciso todo o meu controle para não deixar meu esconderijo entre o bosque e os arbustos. Mas me forcei a ficar quieto e silencioso. Sabia que poderia matar Raki em combate aberto, mas tinha certeza de que os outros três filhos de Genseric estavam na tenda. E, provavelmente, Gudrun devia estar na pequena tenda nos fundos.

Queria dar um golpe limpo. Era necessário esperar a hora e o local certos, se queria ter êxito.

Depois de dar um pequeno passeio e trocar algumas palavras com os guardas, Raki voltou à tenda.

Durante todo o dia, a intervalos, vários chefes menores e guerreiros designados visitaram a tenda. Imaginei que deviam estar preparando um ataque em massa aos aesires. Os filhos de Genseric planejaram cuidadosamente. Senti que os velhos tempos de breves escaramuças, realizados por pequenos grupos, estavam chegando ao fim. Uma guerra absoluta logo se seguiria, cujo objetivo era a aniquilação dos aesires.

À medida que o dia avançava, pude dar uma olhada nos meus outros irmãos, porque eles também estavam saindo para tomar ar: Sigismundo, o Urso, mais baixo e corpulento que Raki, um verdadeiro barril humano com um pescoço grosso e uma cabeça pequena; Obri, o Belo, fino e magro, com olhos nervosos e uma expressão permanente de desdém em seus traços malignos; Alwin, o Silencioso, outro gigante, sempre encapuzado, com olhos enigmáticos e lábios apertados, que raramente se abriam para falar.

No final da tarde, uma mulher alta apareceu do lado da tenda e se dirigiu aos guardas. Eu soube imediatamente que era Gudrun das tranças brilhantes. Ela havia ficado um pouco corpulenta, mas seus grossos cabelos prateados brilhavam ao sol da tarde e, se ela conseguiu manter alguma autoestima, deveria admitir que ainda era uma mulher atraente.

Mas olhei para ela com tanto desgosto que as palavras não podem expressá-lo. E acho que ela sentiu o lampejo do meu ódio, porque se virou, franzindo a testa e mirando os arbustos em que eu estava me escondendo. Um dos guardas fez um comentário e foi até o bosque, mas ela balançou a cabeça e o chamou de volta.

Olhei para baixo, com medo de que, se continuasse a observá-la, acabaria ordenando que os guardas procurassem nos arbustos nos quais eu estava escondido. Logo depois, eu a vi voltar para a pequena tenda.

Quando as sombras caíram sobre o acampamento, finalizei meus planos. Esperaria até o meio da noite, antes de atacar. Os dois guardas não seria um grande problema. Assim que escondesse seus corpos, entraria na grande tenda, com a espada de Genseric pronta...

Raciocinei que deveria ser mais fácil lutar dentro da tenda do que fora. Por um lado, desfrutaria da vantagem da surpresa e, na relativa pequenez da tenda, haveria menos espaço para que quatro guerreiros pudesse manobrar suas armas ao mesmo tempo. Fora da tenda, por outro lado, eles imediatamente me cercariam e me atacariam por todos os lados. Se eu pudesse matar os guardas e entrar na barraca enquanto meus irmãos dormissem, as chances estariam a meu favor.

Além disso, como previa, o eco dos aço e os gritos das vozes podiam ser parcialmente abafados dentro da tenda. Lá fora, o tumulto despertaria o acampamento inteiro.

Embora não estivesse com medo, sabia muito bem que os filhos de Genseric, o Espadachim, iriam lutar violentamente até a morte. Meu único medo, no entanto - se pode ser chamado de medo - era que eu pudesse ser mortalmente ferido antes de concluir minha vingança. Esse pensamento me perturbou. Então decidi que meu ataque deveria ser rápido, implacável e eficiente. Os guardas não deviam gritar, e sob nenhuma circunstância o acampamento deveria acordar. Deveria atacar com o silêncio e a velocidade da própria morte.

As horas se passaram. A princípio, uma lua crescente apareceu no céu escuro, mas nuvens espessas logo a cobriram. Quando a escuridão estava completa, os guardas patrulhavam implacavelmente. Em uma ocasião, uma coruja piou nas proximidades.

Centímetro por centímetro, metro por metro, fui me arrastando para longe do bosque. Não fiz mais sons do que uma sombra faz quando cai no gelo. Nenhum lobo na tundra poderia ter avançado mais silenciosamente que eu.

Por fim, o primeiro dos guardas estava ao alcance da minha espada. Eu

esperei o melhor momento. Deixando a espada de Genseric na bainha, peguei minha faca com cabo de osso e esperei.

O guarda desavisado deu um passo à frente duas vezes, parou, virou-se e começou a voltar sobre seus próprios passos. Eu deixei o chão como uma flecha lançada por um arco. Com uma mão, cobri a boca do guarda, para silenciar qualquer grito. Com a outra, cortei sua garganta bem no meio de sua jugular. Embora a vida lhe escapasse jorrando sangue, ele tentou lutar, mas foi inútil. Somente a morte poderia ter quebrado meu abraço. Quando seu corpo ficou mole, deslizei-o para o chão congelado e segui no escuro em direção ao outro guarda, como um arauto da noite eterna.

Este outro ficou parado, olhando para a escuridão, quando minha faca cortou sua garganta. Ele se virou e tentou brandir sua espada, mas conseguiu puxá-la apenas alguns centímetros da bainha. Quando ele parou de se debater, tirei a mão de seu rosto e o coloquei cuidadosamente sobre o gelo.

Então me dirigi à tenda dos filhos de Genseric.

Parei na entrada e escutei. Embora apenas o ronco alto pudesse ser ouvido lá dentro, eu me forcei a esperar cinco minutos, mão na espada, até que meus ouvidos tivessem certeza de não detectar nenhum outro som, exceto aqueles que roncam. Segurando a pesada espada de Genseric, entrei na tenda, deixando meus olhos se adaptarem ao interior. Em vez da escuridão absoluta, pude observar as sombrias figuras de quatro formas adormecidas.

Levantando a espada enorme acima da minha cabeça, me aproximei da cama de pele mais próxima. Apesar da minha discrição, alguma coisa... algum tipo de aviso sombrio e silencioso, ou imagem mental de perigo... deve ter chegado à mente do dorminhoco. Ele se sentou de repente com um rosnado suave. Supus que fosse Sigismundo, o Urso.

Sem esperar mais, lancei-me contra a pilha de peles. A lendária espada de Genseric traçou um poderoso arco descendente, quebrando o crânio, o esterno e a espinha. O urso caiu para trás, dividido em dois como se tivesse sido atingido por um raio.

Tinha acabado de soltar a espada quando alguém se levantou da próxima cama de pele. Era Raki, e então eu soube por que ele foi apelidado de o Veloz.

Ele devia dormir com a espada na mão, porque a lâmina de sua arma reluzente chegou a apenas alguns centímetros do meu rosto, enquanto eu recuava para o lado da tenda.

Ele avançou confiante, mas a sorte estava comigo. Quando ele estava prestes a golpear novamente, escorregou em um dos cobertores de pele. Por um momento, ele perdeu o equilíbrio, e isso era tudo que eu precisava. Apliquei toda a minha força na espada de Genseric, que se enterrou no meio do peito de Raki. Para minha surpresa, ele continuou a pegar sua própria espada e me atacou novamente. Mas foi apenas o último movimento instintivo de um homem moribundo.

Mais duas figuras estavam vindo em minha direção e eu sabia que não havia tempo a perder. Com um tremendo puxão, tirei a espada de Genseric do peito de Raki e me virei para enfrentar Obri, o Bonito, e Alwin, o Silencioso.

Quando Raki caiu no chão, Alwin, o outro gigante, saltou para frente, golpeando na direção de minha cabeça. Senti como sua lâmina quebrasse parte da minha coronha, batendo contra o osso, e eu ri, pois a fabulosa espada de Genseric havia se tornado algo vivo em minhas mãos, e contive o golpe. Ele pulou, atacou e parou, e embora Alwin lutasse com grande habilidade, seus esforços pareciam patéticos em comparação aos meus.

Enquanto combatíamos, Obri, o Belo, me cercou, com a adaga na mão, me atacando como uma cobra venenosa assim que cheguei ao seu alcance. Uma vez senti sua faca deslizar pelo meu antebraço esquerdo, mas não prestei atenção.

Murmurando com raiva e desespero, Alwin fez uma simulação feroz com sua enorme espada. Foi a última. Ele estava muito lento para se recuperar, apenas uma fração de segundo e a grande espada de Genseric, seu pai, voou pelo ar, cortando a cabeça de Alwin.

Sorrindo, virei-me para Obri. Despojando-se de sua adaga, ele se abaixou para empunhar, não uma espada, como eu esperava, mas um arco. Uma flecha encaixou no meu ombro direito e eu sabia que poderia lançar muitas outras antes de poder acertá-lo. Levantando a espada de Genseric, com as duas mãos como se fosse uma pedra, arremessei sobre ele.

O impacto da lâmina pesada o derrubou no chão, enquanto outra flecha passou pela minha cabeça. Cruzei a tenda com um salto. Minhas mãos encontraram a garganta de Obri antes que ele pudesse pegar sua faca. Enquanto a apertava, eu podia vislumbrar seus olhos, brilhando loucamente no escuro. Os ossos estalaram e sua língua saiu de entre seus lábios. O sangue jorrou de sua boca e ele ficou mole.

Jogando seu corpo para o lado, peguei a grande espada de Genseric, corri para a entrada da tenda e escutei. Não se ouvia nada. Supus, corretamente que o breve som do barulho dos aços havia sido efetivamente abafado pela pele de cavalo da tenda.

Sangue escorria da minha coronha, ombro e antebraço, mas não prestei atenção.

Parando apenas um momento enquanto olhava para fora, corri no escuro para a pequena tenda atrás.

O som de uma respiração pesada e regular chegou aos meus ouvidos quando me aproximei da entrada. Sem parar, entrei. Como um lobo, podia ver bem no escuro, e não tive dificuldade em pegar uma figura coberta de peles na parte de trás da tenda.

Sacando minha faca com cabo de osso, segurei-a pelo punho, calculando a força do golpe, e bati contra a têmpora de Gudrun. Ela se mexeu uma vez, mas não emitiu som. Sua respiração ficou áspera e irregular.

Esperando não ter atingido com muita força, joguei-a em cima do meu ombro, como a carcaça de um cervo, e saí correndo da tenda.

Vinte minutos depois, estava a uma boa distância do acampamento, cercado por árvores grossas que se estendiam por toda parte. Eu estava andando rápido, apesar do meu fardo, parando apenas para enrolar uma tira de pele de coelho na boca da mulher. Se ela acordasse e tentasse gritar, a mordança afogaria seus gritos em gemidos.

Eu achava que ainda tinha algumas horas antes que os corpos fossem descobertos e o alarme fosse soado. Mas não podia ser otimista. E não podia ter certeza de que os dois guardas haviam sido designados para o posto a noite toda. Podia ser que eles fossem revezados. Nesse caso, eu poderia ter apenas

alguns minutos.

A noite estava silenciosa. Não ouvi o menor som, exceto o som de alguma coruja da neve, ou o bater de pequenas patas, de algum animal minúsculo.

Apesar dos meus ferimentos e do peso que eu carregava, eu nem estava bufando quando finalmente parei.

Jogando Gudrun no chão nevado, limpei o sangue do rosto dela. Então me ajoelhei, tirei a mordaca da boca dela e rasguei cada pedaço de sua roupa em pedaços... uma roupa de pele macia e forrada de couro, pacientemente costurada pelas velhas vanires.

Por fim, ela estremeceu, rosnou e abriu os olhos. Eu olhei para baixo sorrindo. Ela me reconheceu instantaneamente, apesar do meu rosto manchado de sangue, e sentou-se ofegante. Empurrei-a, e ela caiu no chão.

—Vamos, velha matrona! Seu sapo deformado regressou e lhe oferece um pequeno jogo!

Soluçando, ela se levantou e me bateu com os dois punhos. Afastando-me, empurrei-a novamente e ela caiu no chão de novo.

—Os sapos nunca esquecem — eu disse —, nem Ghor, o Forte, que você deixou para os lobos devorarem!

Ela se sentou novamente, olhando para mim.

—É uma pena que os lobos não fizeram isso! Eu mesmo deveria ter te estrangulado! Dê-me uma faca e veremos quem ficará aqui como grama para os lobos!

—Eu não luto com mulheres — eu disse. Além disso, tenho outros planos para você! Então ele riu.

—Você tem medo de me encarar com o aço frio! Dei de ombros e ri também.

—Pergunte aos seus filhos se Ghor, o Forte, tem medo de lutar! Eles estão na tenda, imóveis, como se estivessem dormindo ... Mas eles não roncam mais!

Vi o rosto dela empalidecer. Ela ficou em silêncio.

—Chega de tudo isso — rosnei. Levante-se e caminhe.

Ela se levantou sem mais delongas e começou a andar descalça na neve. Estremeceu e eu vi sua pele começar a ficar azul por causa do frio. Quando chegamos ao meio de uma ampla clareira, aberta aos ventos frios, eu a derrubei novamente. Ela tremeu, meio morta de frio, e continuou me observando. Voltei seu olhar sem mostrar piedade.

—Logo, em breve você voltará a estar quente novamente, Gudrun das Tranças Brilhantes — eu assegurei a ela. Dentro dos estômagos famintos da alcateia de lobos!

Ela não respondeu, e eu fui embora. Quando cheguei à beira de um grupo de pinheiros, parei, me virei e levantei a cabeça. O uivo longo e arrepiante do lobo veio da minha garganta. Repeti o som três vezes. Então me sentei para esperar.

Vários uivos em resposta soaram no ar noturno. Pelos sons, você pode dizer que a alcateia estava com fome. Eles vieram rapidamente.

Gudrun estava de joelhos. Ela permaneceu imóvel, como uma imagem esculpida em pedra azul. A matilha não perdeu tempo em ser vista: eram caçadores noturnos e magros, com longas ligas de olhos vermelhos e cintilantes de amarelo-esverdeado. Suas peles cinza pareciam finas e magras. A caçada não tinha sido boa. Sem prestar atenção em mim, eles foram direto para Gudrun, que ainda estava imóvel.

Pensava que, a essa altura, ela devia ter morrido de frio, mas quando o líder da matilha pulou em sua garganta, Gudrun se afastou, agarrou as patas dele e o jogou no ar como uma pedra.

Apesar do meu ódio apaixonado, senti um breve lampejo de absoluta admiração por aquela mulher condenada.

Essa manobra, no entanto, não atrasou sua morte por mais de alguns

minutos. O líder da alcateia finalmente conseguiu se libertar de suas mãos geladas, fechando o cerco para a matança.

Mesmo assim, ela lutou. Quando caiu no chão, sobrecarregado pelas figuras cinzentas famintas, vi um lobo enfiar os dentes em sua garganta.

Foi seu último ato. Segundos depois, eles a quebraram em pedaços.

Sentei-me para ver a alcateia comer, rosnando e brigando por comida entre si. Poucos minutos depois, nada foi deixado no gelo frio, a não ser as manchas de sangue e alguns dos ossos maiores.

A alcateia se reuniu novamente, virou na minha direção, parou, sentou-se nas patas traseiras, uivou em unísono e se afastou na noite. Após o banquete dos lobos, eu me aproximei do local novamente. As tranças brilhantes de Gudrun brilhavam no gelo, misturadas com sangue e fragmentos do cérebro. As grandes mandíbulas dos animais famintos haviam aberto o crânio de Gudrun.

Eu finalmente paguei minha dívida de sangue.

Afastei-me através do gelo, em direção à floresta. De longe, através das planícies congeladas, ouvi um leve, mas crescente murmúrio de múltiplas vozes.

Percebi então que meu feito noturno anterior havia sido descoberto.

CONTINUA...